



DENIS DUARTE

CURA E LIBERTAÇÃO
PELAS SAGRADAS
ESCRITURAS


Canção Nova
EDITORA



DENIS DUARTE

Cura e libertação pelas Sagradas Escrituras



DIREÇÃO GERAL: Fábio Gonçalves Vieira

CAPA: Decápole/Bruno Castro

PREPARAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO: Decápole/Bruno Castro

EDITORACÃO DIGITAL: i9 Design/Claudio Tito Braghini Junior

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

EDITORA CANÇÃO NOVA

Rua João Paulo II, s/n – Alto da Bela Vista

12 630-000 Cachoeira Paulista – SP

Tel.: [55] (12) 3186-2600

E-mail: editora@cancaonova.com

loja.cancaonova.com

Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-891-2

© EDITORA CANÇÃO NOVA, Cachoeira Paulista, SP, Brasil, 2017

Dedico este livro ao meu irmão Décio Duarte, exemplo de força e alegria em todas as situações.

Introdução

O OBJETIVO PRINCIPAL DESTE LIVRO é apresentar o tema da cura e libertação na perspectiva do Evangelho segundo São Marcos, para que possamos entender esses processos através dos ensinamentos, das curas e libertações realizadas por Jesus neste Evangelho. E, dessa forma, conhecermos melhor, não apenas o que são as curas e libertações, mas o próprio autor desses processos: Nosso Senhor Jesus Cristo. E, conhecendo melhor a Jesus, poderemos ouvir o seu chamado, encontrar o seu caminho e dar início a esse extraordinário processo de cura e libertação na nossa vida.

Muito se fala de cura e libertação na Igreja Católica, hoje em dia. Existe muito trabalho sério realizado nessa área. Mas, ao mesmo tempo, infelizmente, também há muito equívoco. São várias as pessoas que entendem cura e libertação como o objetivo principal da atividade de Jesus e, por isso, acabam pregando um cristianismo cheio de magia, fantasia e alienação.

É preciso entender que o centro da vida cristã não está nas curas ou libertações. O centro da vida cristã é uma pessoa: Jesus Cristo. As curas e libertações fazem parte da atividade de Jesus, mas são somente uma parte dessa atividade, que é muito mais ampla e profunda.

Por isso a proposta deste livro é a de caminharmos com Jesus nos dois primeiros capítulos (e início do terceiro capítulo) do Evangelho de Marcos. E aprendermos com o próprio Jesus, o que são, para que servem e como devem ser vividos os processos de cura e libertação.

Que Deus nos dê a graça de realizarmos essa caminhada com o Evangelho para que vivamos bem o nosso processo de cura e libertação.

DENIS DUARTE

Recomeçar

Princípio da boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus. (Mc 1,1)

ESTE É O VERSÍCULO que abre o Evangelho segundo São Marcos. A primeira palavra que aparece nesse Evangelho é princípio. Essa palavra é importante na Bíblia, pois ela também é a primeira que aparece na Sagrada Escritura, no livro do Gênesis: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gn 1,1).

Mas qual a relação entre a palavra que abre o livro do Gênesis e a que abre o Evangelho de Marcos?

Primeiramente, façamos uma rápida reflexão sobre o Antigo Testamento. No Gênesis Deus criou os céus, a terra, as plantas, os animais... E, criando o homem e a mulher, dá todo esse mundo de presente para eles. Eles viviam realizados e plenos, até que, pela desobediência, se afastaram de Deus pelo pecado original. A partir daí criou-se uma barreira entre Deus e os homens.

Mas Deus jamais desistiu dos seus filhos. Por isso, na história com seu povo, sempre tomou a iniciativa de reaproximação. Através dos patriarcas, dos profetas, dos juízes, dos reis... Deus sempre insistiu no homem. Até que decidiu dar ao mundo uma nova e definitiva chance.

O livro do Gênesis é o princípio da criação e do relacionamento de amor de Deus com o homem e a mulher. No Gênesis, Deus passeava pelo jardim (cf. Gn 3,8) e por isso Adão e Eva se encontravam sempre com Ele. Mas, a partir do pecado original, o homem e a mulher se distanciaram de Deus e criou-se uma barreira nesse contato.

Essa distância acabou quando Deus decidiu passear novamente no meio dos homens. Essa barreira caiu quando Deus resolveu dar novo princípio à sua criação. Por isso enviou seu Filho único. Jesus é Deus que se encarna. Jesus é Deus que anda no nosso meio de novo. Em Jesus, temos acesso a Deus novamente. A barreira que existia entre Deus e os homens foi desfeita.

Por isso o primeiro versículo do Evangelho de São Marcos começa com a palavra princípio. Se após o princípio do Gênesis o homem se afastou de Deus, no princípio do Evangelho de Marcos o homem tem a chance de retomar sua comunhão com Deus, através de Jesus – que como declara o evangelista: é o Filho de Deus.

É preciso que entendamos bem: em Jesus temos novo princípio. Com a encarnação de Deus feito homem, todos nós ganhamos uma nova chance. Como lemos na carta aos Efésios (2,1-5):

E vós outros estáveis mortos por vossas faltas, pelos pecados que cometestes outrora seguindo o modo

de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes. Também todos nós éramos deste número quando outrora vivíamos nos desejos carnaís, fazendo a vontade da carne e da concupiscência. Éramos como os outros, por natureza, verdadeiros objetos da ira (divina). Mas Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em consequência de nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo – é por graça que fostes salvos!

Em Jesus, todos – sem exceção – têm uma nova chance. Toda e qualquer pessoa pode recomeçar, pois Deus, em Jesus, dá a cada ser humano um novo princípio. Nenhuma limitação, nenhum problema, nenhum pecado pode ser barreira para a graça de Deus na nossa vida. Pois Ele, em sua misericórdia, nos liberta e nos salva.

Alguns costumam olhar para determinadas pessoas, consideradas más ou problemáticas, e dizer: “Fulano? Nesse nem Deus dá jeito!”. Essa frase é uma grande mentira. Jesus veio para todos. A nova chance é dada a toda e qualquer pessoa, independentemente do seu passado ou da situação atual.

Outras pessoas costumam condenar a si mesmas. Acreditam que Deus não olhará para elas por causa do mal que um dia cometeram. Carregam o peso da culpa e acreditam que não merecem perdão. Essa também é uma falsa ideia. O próprio Cristo afirmou que veio para os pecadores (cf. Mc 2,17). Nenhum erro cometido na vida pode ser maior do que o amor e a misericórdia de Deus.

Que fique bem claro: Deus dá a todos uma nova chance. Toda e qualquer pessoa pode recomeçar. Deixar para trás os erros do passado e ter este novo princípio. Essa é a boa nova do Evangelho: Jesus, o Filho de Deus, vem até nós e nos convida a segui-lo. Esse caminho proposto por Jesus é novo, e é o princípio para uma nova vida.

Quando se fala de cura e libertação, o processo começa por esta constatação: Deus nos dá uma nova chance. É possível recomeçar. Mas antes, é preciso abandonar o que não deu certo no passado. Ficar livre do peso que os erros cometidos na vida costumam trazer. Assim, o primeiro passo para a cura e libertação se dá pela confissão dos pecados.

A confissão é também chamada de *sacramento da conversão*, pois pede nosso esforço para voltarmos para Deus, de quem nos afastamos. É também chamada *sacramento da penitência*, porque inaugura essa caminhada de conversão. É ainda chamada de *sacramento da confissão*, pois se reconhecem os próprios erros, mas, sobretudo, a santidade e misericórdia de Deus. É chamada também de *sacramento do perdão* porque Deus nos dá o perdão e a paz. E por fim, *sacramento da reconciliação*, pois nos abre ao amor de Deus e nos coloca em comunhão com Ele (cf. CIC 1423-1424).

A confissão é considerada pela Igreja Católica um sacramento de cura, pois por ele a pessoa recebe a vida nova de Cristo (cf. CIC 1420). Ou seja, a pessoa recebe essa nova

chance. Pode, a partir daí, recomeçar. Jesus é o novo princípio que Deus nos dá e a confissão dos pecados é o primeiro passo nesse novo caminho que Jesus nos apresenta.

Se quisermos ser curados e libertos precisamos assumir nosso processo de cura e libertação. Dar o primeiro passo: entender que, em Jesus, todos têm um novo princípio. E irmos atrás desse novo princípio através da conversão, penitência, confissão, perdão e reconciliação que esse sacramento nos proporciona.

Cura e libertação fazem parte de um processo. O que é um processo? Um conjunto de ações que executamos para alcançar um determinado resultado.

Qual o resultado que queremos alcançar? Cura e libertação. E quais as ações devemos executar para alcançar isso? A primeira, sem dúvida, é um bom exame de consciência para uma boa confissão. Na confissão sincera, se dá início ao processo e já começam aí a cura e libertação.

Mudar

“Completoou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,15)

N O EVANGELHO SEGUNDO SÃO Marcos Jesus já aparece adulto. Não há referências ao seu nascimento ou à sua infância e juventude. A primeira vez que Ele aparece nesse Evangelho é para ser batizado por João Batista no rio Jordão (cf. Mc 1,9). Logo após, Jesus segue para o deserto e lá é tentado por quarenta dias (cf. Mc 1,12).

E é somente no versículo 15 do primeiro capítulo que Jesus vai dizer alguma coisa. Trata-se da sua primeira pregação. E, o que mais surpreende é que esta pregação tem apenas duas partes: “Completoou-se o tempo, o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Como se trata da primeira fala de Jesus nesse Evangelho e, ao mesmo tempo, essa pregação contém apenas duas partes, é preciso analisar cada uma dessas sentenças ditas por Jesus. É possível até dizer que essas frases são a síntese do ensinamento de Jesus no Evangelho de São Marcos.

Primeira parte:

“Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo”

Aqui Jesus nos ensina que o tempo se completou. Mas que tempo é esse? É o tempo da espera. Os judeus estavam esperando a vinda do Messias. Aquele que iria salvar todo o povo de Israel. Jesus é esse salvador. Por isso o tempo se completou. O tempo de espera acabou. O Salvador já está no meio do seu povo.

Muitas pessoas estão com a vida parada porque ficam esperando a cura e a libertação “caírem do céu”. Mas o céu já se rasgou (cf. Mc 1,10). Jesus já está no meio de nós. É preciso assumir nosso processo de cura e libertação. O tempo de espera acabou. Não dá mais para ficar se lamentando das coisas que não deram certo ou do tempo perdido. É preciso assumir as rédeas da própria vida. O Salvador está aí, a nos esperar e pronto para realizar sua obra em nossa vida.

Jesus também ensina que o Reino de Deus está próximo. Deus, que no Gênesis andava no meio dos homens, vê o homem se afastar dele por causa do pecado. Mas em Jesus, Deus volta a andar no meio dos homens. Por isso, Jesus introduz o Reino de Deus na terra. Inclusive, as curas e libertações operadas por Jesus, sobre as quais lemos nos Evangelhos, nos mostram que Deus visita o seu povo e que o Reino de Deus está próximo.

Obviamente, que o Reino de Deus se realiza, sobretudo, no mistério da morte e ressurreição de Jesus, pois a partir desses acontecimentos salva e chama a todos os homens à união com Ele: “E eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32) (cf. CIC 542).

A cura e a libertação operadas por Jesus servem, principalmente, como testemunho de que Jesus está no nosso meio. Que o Reino de Deus já começou. E que a salvação dada a nós pela morte e ressurreição de Jesus nos convida à comunhão com Deus e com os irmãos.

Segunda parte:

“Convertei-vos e crede no Evangelho”

O tempo já se completou. Não precisamos mais ficar esperando pelo Salvador. Ele está no meio de nós. Ele, que pode nos curar e libertar, já caminha entre nós e inaugura o Reino de Deus através da cura dos enfermos e da libertação dos possessos. Mas o que devemos fazer para usufruir dessas graças que Jesus realiza?

A primeira atitude é converter-se. Muito se fala em conversão mas, em geral, as explicações geram mais confusão do que esclarecimento. Entender conversão é fácil. Basta pensar nas placas de trânsito. Pois quando se aprende a dirigir, numa autoescola, a primeira etapa é aprender o significado das placas e assim se aprender a ler o trânsito.

Uma das placas é a de conversão. Ela indica, por exemplo, que não se pode mais seguir em dada direção e que, obrigatoriamente, só se pode transitar na rua que está à direita ou à esquerda. O motorista, provavelmente, encontrará uma placa indicando que precisa “entrar” na rua à direita ou à esquerda. Tecnicamente isso significa que precisará fazer uma conversão à direita ou à esquerda.

Através do exemplo da placa de trânsito entendemos que conversão nada mais é do que mudança de caminho. Com o carro o motorista segue numa rua e quando muda para outro caminho faz uma conversão (à direita ou à esquerda).

Assim também acontece com a conversão religiosa. Seguimos por algum caminho na nossa vida. E, num belo dia, nos deparamos com Jesus. E ele nos faz uma proposta, igual à que fez a seus discípulos: “Vem e me segue” (cf. Mc 1,16). E mudamos a direção. Saímos do caminho em que estávamos e entramos no caminho que é o próprio Cristo. Pois Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (cf. Jo 14,6).

Não há como participar das graças de Jesus se não estamos caminhando com Ele. Se estivermos em outro caminho, obviamente, significa que andamos longe de Jesus. E como desfrutar das curas e libertações que Jesus opera se não estamos por perto, se caminhamos em outra estrada?

Muitos têm consciência de que Jesus nos dá uma nova chance. Sabem que Ele está no meio de nós e, claro, querem participar das graças que Ele nos dá. Mas insistem em andar por um caminho diferente do Dele. Como caminhar com Jesus e saborear de suas graças estando em outra direção?

É no caminho, que é o próprio Cristo, que o Reino de Deus acontece. Não há Reino de Deus fora de Jesus. Dessa forma, é preciso de conversão. Mudar a direção da vida e entrar no caminho que é o próprio Jesus. E, caminhando junto Dele, usufruir do novo princípio, das curas e libertações, da vida nova que Ele tem a nos oferecer.

Além de conversão, a segunda coisa a se fazer para usufruir das graças que Jesus nos oferece é crer no Evangelho. Isso significa acreditar em Jesus. Acreditar no que Ele realizou e no que Ele ensinou. A fé na vida e nos ensinamentos de Jesus é o que nos orienta como permanecer no seu caminho.

Ambos se completam. Conversão e fé no Evangelho. A primeira nos coloca no caminho do Cristo. A segunda nos mantém nesse caminho. Essas são as duas frases: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Na primeira parte (*Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo*), trata-se da participação divina. É Deus que, na sua misericórdia, vem até nós e encerra o tempo de espera. E, dessa forma, torna-se próximo de nós para instaurar seu Reino. Mas a segunda parte (*convertei-vos e crede no Evangelho*) é de responsabilidade do homem. É ele que precisa escolher, na sua liberdade, se quer ou não entrar no caminho do Cristo. E escolhendo esse caminho, aprender a se manter nele.

Caminhar

Jesus disse-lhes: “Vinde após mim; eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1,17)

ENTRAR NO CAMINHO DO Cristo significa aceitar o convite que Ele nos faz. O mesmo convite que apresentou aos primeiros discípulos. Logo após a sua primeira pregação sobre a proximidade do Reino de Deus e sobre a necessidade de conversão, Jesus chamou as primeiras pessoas para viverem, na prática, essa conversão.

Ao andar à beira do mar da Galileia, Jesus fez um convite a alguns pescadores. Ele os chamou ao seu seguimento. Os convidou a andarem no Seu caminho. Isso é o que significa a frase: *Vinde após mim*. Ir após Jesus é o mesmo que andar atrás dele. Ou seja, ir após Jesus é o mesmo que andar no caminho do Cristo.

É preciso ficar claro que se trata de um convite. E, como qualquer convite, este pode ser aceito ou recusado. Jesus nunca vai obrigar ninguém a segui-lo. Jamais irá convencer uma pessoa a andar com Ele através de ameaças, intimidações ou chantagens.

Religião jamais pode ser imposta. Precisa sempre ser proposta. A isso a legislação brasileira atual chama de liberdade religiosa. Somos livres para escolher se queremos ou não participarmos da experiência religiosa e, conseqüentemente, também somos livres para aceitar ou não o convite que Jesus nos faz de entrarmos no seu caminho.

Por isso Jesus convida. Ele faz uma proposta. Caso a pessoa aceite, ela é conduzida por um novo caminho. Por sua novidade, este novo caminho pode até causar certa estranheza no início. Mas com o tempo, a pessoa vai percebendo que aquele caminho nem lhe era tão estranho assim. Algo em seu íntimo começa a mostrar que, de alguma forma, aquele novo caminho já fazia parte dela, ainda que não saiba explicar como.

Isso acontece porque, por mais que andemos longe dos caminhos do Cristo, o seu Espírito sempre esteve conosco. Somos morada do Espírito de Deus. Por causa disso, sempre tivemos uma ligação com o caminho do Cristo, ainda que não soubéssemos. E, dessa forma, quando começamos a trilhar esse novo caminho percebemos que algo ali nos é familiar.

E, além de nos convidar ao seu seguimento, Jesus completa: “...eu vos farei pescadores de homens”. Interessante que Jesus não muda a profissão daqueles homens. Eles eram pescadores quando Jesus os encontrou. Eles continuaram pescadores enquanto seguiam Jesus. E eles continuaram pescadores depois da morte e ressurreição de Jesus.

Jesus apenas potencializa o que essas pessoas já têm de positivo. Jesus não as transforma em pessoas diferentes, mas em pessoas melhores. Afinal de contas, aqueles

pescadores foram criados por Deus com determinadas características que forjaram a personalidade de cada um, inclusive, a vocação de pescadores.

Uma vez que Deus criou essas pessoas dessa maneira, seria incoerente Jesus querer modificá-las para que se tornassem outras pessoas. Simão, André, Tiago e João eram pescadores. Seria um equívoco Jesus mudar esses homens para que fossem completamente diferentes. Seria também um desperdício não usufruir de toda experiência e habilidade que eles já possuíam como pescadores nessa nova empreitada do seguimento a Jesus.

Tudo isso demonstra que, quando decidimos seguir Jesus, não deixamos de ser quem somos. Jesus não apaga nossa identidade. Obviamente que mudanças podem ocorrer, mas a essência continuará a mesma. O que Jesus propõe é uma melhora. Que nos tornemos pessoas melhores. Que pela ajuda Dele consigamos nos aperfeiçoar enquanto pessoas. E, dessa forma, possamos colaborar com o bem da sociedade.

Em geral, quando se toca nesse tipo de assunto, encontramos dois grupos de pessoas. O primeiro é o que se sente aliviado. Pois muitas vezes têm medo de seguir Jesus, justamente, porque imaginam que precisarão deixar para trás sua própria identidade. E serão quem não querem. Sobretudo, se os exemplos que elas têm de pessoas seguidoras do Cristo não forem positivos.

O outro grupo é o que deseja o oposto e, por isso, se frustra. Não gostam de quem são. Têm pavor do que veem no espelho e, mais ainda, quando olham para dentro de si mesmas. Por isso desejam se transformar em outra pessoa. Querem apagar o passado e o presente, imaginando que, ao seguir Jesus, terão uma identidade completamente diferente.

Não é assim que funciona. Jesus não muda a nossa identidade. Ele nos aperfeiçoa. Ele nos torna melhores. E ele potencializa o que de bom já existe em nós. Por isso disse aos discípulos: *eu vos farei pescadores de homens*. Ou seja, eles continuaram pescadores – essa era a identidade deles – mas a partir do momento em que decidiram seguir Jesus, a pescaria foi ampliada. Jesus os tornou pescadores em outro nível. Os aperfeiçoou e os tornou melhores para eles mesmos e para os outros.

E o que tudo isso tem a ver com cura e libertação? Quando assumimos nossa identidade o processo de cura e libertação também acontece. Quando exercitamos o autoconhecimento fica mais fácil descobrir os verdadeiros valores nos quais acreditamos. Torna-se mais claro o propósito que Deus tem para nossa vida. E fica mais evidente qual a nossa missão nesse mundo.

Tudo isso deve ocorrer sem medo. Sem precisar fugir de Jesus, com receio de que Ele nos transforme em outra pessoa. Ou sem precisar seguir Jesus, querendo que Ele apague tudo o que somos. Mas é importante praticar o autoconhecimento e assim, se

preciso for, nos reconciliar conosco mesmos. Para que venha para fora quem realmente nós somos.

A partir daí, permitiremos que Jesus trabalhe em nós e conosco, e nos aperfeiçoe cada vez mais, para nos tornarmos pessoas melhores para nós mesmos e para os outros. E que nossa vida faça diferença nesse mundo. E assim, nossa existência adquira um verdadeiro sentido.

Por isso, precisamos fazer como os discípulos, quando foram chamados por Jesus: “Eles, no mesmo instante, deixaram as redes e seguiram-no” (Mc 1,18). O seguimento precisa ser imediato. Que a experiência pessoal de ser chamado por Jesus nos coloque imediatamente em movimento.

Não podemos permanecer parados. Estamos falando de “processo” de cura e libertação. Sendo um processo, existe aí uma movimentação. Que nos coloquemos em marcha no seguimento de Jesus. Façamos como os discípulos e sigamos Jesus imediatamente.

E que nesse caminho o processo de cura e libertação aconteça progressivamente. A ponto de, um dia, olharmos para trás e percebermos o quanto Jesus nos fez pessoas melhores para nós mesmos e, sobretudo, para os outros.

Aprender

Dirigiram-se para Cafarnaum. E já no dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga e pôs-se a ensinar. (Mc 1,21)

JESUS FOI PARA CAFARNAUM com seus primeiros discípulos. Essa cidade era uma das principais da região da Galileia. Era uma cidade grande. Por ela passava uma estrada romana e, como consequência, pessoas de diferentes lugares e culturas passavam por ali. Não é à toa que Jesus escolheu essa cidade como lugar principal de seu ministério. Dali era possível estender a Boa Nova a vários outros lugares. Além do mais, existia nesta cidade o lago de Cafarnaum, através do qual Jesus tinha fácil acesso – atravessando de barco – a várias outras cidades que também beiravam o lago – alargando ainda mais o alcance de sua mensagem.

Por conta de Cafarnaum ser essa cidade grande, sua sinagoga acomodava um grande número de pessoas. O sábado é o principal dia para o judeu fazer suas orações e meditar as Escrituras na sinagoga. Por isso Jesus se dirigia neste dia para lá. O ritual na sinagoga era, basicamente, composto de orações, leitura de alguns textos da Lei e dos Profetas e a explicação desses textos.

Após as leituras, Jesus começava a explicar os textos. Era permitido a qualquer judeu da sinagoga participar ensinando sobre os textos lidos, mas geralmente, era feita por um dos doutores da Lei – escribas ou fariseus. Mas Jesus, mesmo sendo um carpinteiro, colocava-se a ensinar.

O versículo seguinte afirma que estavam todos maravilhados com o ensinamento de Jesus. E, para piorar a situação, aos olhos dos doutores da Lei, os ouvintes comparavam o ensinamento dado por Jesus com o que era dado por tais doutores: “Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1,22). É preciso prestar atenção nestes dois versículos: Jesus pôs-se a ensinar! E as pessoas estavam maravilhadas com seu ensinamento!

Enquanto ensinava, eis que surgiu um homem possesso e Jesus realizou um exorcismo, expulsando o demônio daquele homem. E, logo após o exorcismo, as pessoas ficaram admiradas. Mas prestemos atenção ao texto. Por incrível que pareça, elas não se admiraram com o exorcismo, mas com o ensinamento de Jesus – aquele ensinamento que era feito com autoridade e era melhor que o dos doutores da Lei.

Diz o texto: “Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: ‘Que é isto? Eis um ensinamento novo, e feito com autoridade; além disso, ele manda até nos espíritos imundos e lhe obedecem!’” (Mc 1,27).

Ficam admirados e perguntam o que era aquilo que estava acontecendo. A resposta não é sobre o exorcismo, mas sim sobre o ensinamento. É com este ensinamento que as pessoas estavam maravilhadas, pois nele havia uma autoridade que nunca tinham visto. Era um ensinamento em que verdadeiramente podiam confiar. Não lhes causava dúvida, pelo contrário, esclarecia, dava confiança e coragem.

Somente depois de ficarem maravilhados com o novo ensinamento feito com autoridade é que complementaram: *ele até manda nos espíritos imundos...* Ou seja, o exorcismo parece que é um algo a mais, uma espécie de bônus – Ele nos dá um ensinamento novo e, além disso, ainda faz mais uma coisa, que é mandar nos espíritos imundos.

É preciso perceber que a ênfase desse texto não está no exorcismo, mas sim no ensinamento. O termo usado na passagem é “além disso”. Além disso, o quê? Além do ensinamento. Em primeiro lugar o ensinamento e, além do ensinamento, o exorcismo. O texto apresenta uma sequência em ordem de importância. Primeiro o ensinamento e depois o exorcismo.

Isso acontece porque, neste texto, o exorcismo realizado por Jesus é consequência do seu ensinamento. Inclusive, a passagem sobre o exorcismo é cercada por trechos sobre o ensinamento. No primeiro trecho, as pessoas se maravilharam porque o ensinamento de Jesus foi feito com autoridade e melhor que o dos escribas. E após o exorcismo ficaram admirados porque Seu ensinamento era novo e resultou em um exorcismo.

O ensinamento de Jesus é novo. O ensinamento de Jesus é feito com autoridade. A consequência do ensinamento de Jesus é o exorcismo.

Se queremos nos tornar pessoas libertas, precisamos conhecer os ensinamentos de Jesus. Quando colocado em prática este ensinamento é exorcizante. Pois este ensinamento nos orienta sobre como seguirmos no caminho do Cristo. É preciso sempre lembrar que as graças de Deus já estão disponíveis a nós. Mas precisamos estar no caminho do Cristo para usufruir delas. E é o ensinamento de Jesus que nos ensina a direção certa.

Mas como conhecer os ensinamentos de Jesus? A resposta é: *catequese*. Por isso a Igreja Católica vai orientar que “Importa, na catequese, revelar com toda clareza a alegria e as exigências do caminho de Cristo” (CIC §1697). Por isso, é na catequese que aprendemos sobre o caminho de Cristo.

Dessa forma, temos duas etapas fundamentais na vida de um cristão: a primeira é o chamado que o Cristo nos faz para andar no seu caminho. Momento no qual temos uma experiência pessoal com Jesus. Ele que olha para cada um de nós e diz: “Vem e me segue!”. Este momento de experiência religiosa é pessoal (é particular e íntima), é subjetiva (com cada pessoa acontece de um jeito).

Mas existe a segunda etapa que é a da conscientização desse chamado e das consequências do seguimento ao Cristo. Esta etapa é de aprendizado. É preciso usar a razão. Aprender quais são os caminhos que se devem ou não seguir quando aceitamos o chamado de Jesus. Isso é catequese!

Por isso é necessário conhecer as Sagradas Escrituras, a Tradição Apostólica e o Magistério da Igreja.

A sugestão é que se comece por aquilo que é a base e de, certo modo, fácil acesso: as Sagradas Escrituras e o Catecismo da Igreja Católica. E depois Doutrina Social da Igreja. Para estes dois últimos, já existem versões mais práticas em forma de perguntas e respostas, que são: o *Youcat* e o *Docat*.

Eis um caminho de cura e libertação. Conhecer os ensinamentos do Cristo. Eles nos conduzirão a uma vida em abundância. Receber os ensinamentos de Jesus pela Sagrada Escritura e pela Doutrina da Igreja Católica e colocá-los em prática nos tornarão verdadeiros imitadores de Cristo. E ao imitarmos o Cristo nos tornaremos um com Ele.

Trabalhar

Aproximando-se ele, tomou-a pela mão e levantou-a; imediatamente a febre a deixou e ela pôs-se a servi-los.

(Mc 1,31)

APÓS SAIR DA SINAGOGA, Jesus se dirigiu à casa de Pedro, juntamente com os outros discípulos. Chegando lá, os discípulos souberam que a sogra de Pedro estava de cama, doente, e foram dar esta notícia a Jesus.

Aqui temos uma informação importante quando abordamos o tema da cura e libertação. Trata-se da intercessão. Interceder significa fazer um pedido em favor de alguém. Foi isso que os discípulos fizeram. Eles pediram ajuda a Jesus em favor daquela mulher. Tiraram os olhos de si mesmos e olharam para o problema de outra pessoa.

Quantas pessoas estão mal, justamente, porque não conseguem tirar os olhos dos próprios problemas. Que a sogra de Pedro foi curada nós sabemos. O que, em geral, não vemos é que os discípulos – que provavelmente estavam empolgados com o que presenciaram na sinagoga, mas também deviam estar confusos com tudo o que estava acontecendo – tiraram os olhos de tudo isso e se voltaram para os problemas de outra pessoa.

Muitas pessoas saem de situações de desesperança, tristeza, vícios... quando se dedicam a olhar e ajudar o próximo. Tirar os olhos dos próprios problemas e se compadecer com o outro nos faz perceber que não estamos sozinhos. Mostra-nos que a vida é assim mesmo: cheia de altos e baixos. Que outras pessoas também têm problemas, e muitas vezes, mais difíceis que os nossos. E, sobretudo, que somos úteis!

Quando ajudamos os nossos irmãos que sofrem, sentimos que a vida continua. Que podemos fazer algo para melhorar esse mundo. Ao nos envolvermos com a vida do outro sentimos a vida em nós novamente. Experimentamos esse espírito de vida, que é Deus. Vivemos aqueles dois mandamentos que Jesus disse serem os mais importantes: Amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a mim mesmo.

Sejamos intercessores, saiamos de nós mesmos e comecemos a olhar ao redor. Usemos os dons que Deus nos deu. Comprometamo-nos com as outras pessoas. Como os discípulos fizeram. Vejamos quais são os problemas ao nosso redor e, além de ajudar, aprendamos a levar os problemas dos irmãos até Jesus.

Esse é um cuidado que é precisamos tomar. Quando nos envolvemos com os problemas das pessoas corremos o risco de achar que iremos resolver tudo. E quando isso não acontece nos frustramos. Por isso temos que aprender com os discípulos.

Fizeram a parte deles ao olharem o problema do próximo, mas souberam pedir a cura para quem realmente pudesse curar: pediram a Jesus!

Não podemos achar que quem cura e liberta somos nós. Somente Jesus pode curar e libertar. Nosso papel é o de intercessores. Devemos nos colocar como mediadores da situação. Para que possamos levar os problemas até Jesus. Ajudar as pessoas a caminharem com Jesus e, dessa forma, encontrarem a cura e libertação.

Apesar de não sermos nós que curamos e libertamos e sim Jesus, através da intercessão podemos, ao vermos a cura e libertação acontecer na vida do outro, progredirmos no nosso processo de cura e libertação. Afinal, aquele que intercede, conseguiu ver realmente o que aconteceu. Quem intercedeu conheceu o problema do outro, levou esse problema até Jesus e viu a cura e libertação acontecerem.

Talvez nem a própria pessoa curada e liberta entendeu o que aconteceu. Mas o intercessor acompanhou tudo. O intercessor tem o privilégio de ter a certeza que ali aconteceu uma cura, uma libertação. E, principalmente, de saber exatamente quem realizou tudo isso: Jesus Cristo.

Sem dúvida, a fé daqueles discípulos aumentou depois desse episódio da cura da sogra de Pedro. Eles, que talvez estivessem confusos com tudo aquilo que estava acontecendo na vida deles, com toda aquela novidade trazida por Jesus, ao agir como intercessores tiveram o benefício de ver a cura acontecer na vida daquela mulher.

E mais do que isso, puderam ter a certeza de que é Jesus quem cura e liberta. Isso, provavelmente, deu mais ânimo na caminhada daqueles homens. Deu mais firmeza na decisão que tomaram de caminhar com Jesus. E por isso, foi um passo importante no próprio processo de cura e libertação deles mesmos.

Quando nos colocamos ao serviço do outro, quando intercedemos pelos nossos irmãos, podemos colaborar no processo de cura e libertação deles. Quando nos colocamos à disposição dos outros temos a chance de sermos testemunhas da ação de Deus na vida dessas pessoas. E por isso somos também atingidos. Pois aumenta em nós a fé em Jesus e a coragem para segui-lo. Dando um passo importante no nosso processo de cura e libertação.

É preciso perceber que a sogra de Pedro, assim que ficou curada, se colocou a serviço de Jesus e dos discípulos. À primeira vista, podemos imaginar que ela fez isso como uma forma de agradecimento, ou porque se sentiu na obrigação de fazer alguma coisa por eles, uma vez que eles a ajudaram.

Mas não é nada disso. Essa mulher se colocou a serviço dos outros porque é assim que acontece com uma pessoa curada e liberta. Ela passa a ver a si própria e aos outros com outros olhos. Com o olhar do amor a Deus e do amor ao próximo. Tira os olhos dos próprios problemas e coloca os olhos em Deus e no irmão.

Assim fizeram os discípulos e assim fez a sogra curada. Todos se colocaram a serviço de Jesus e a serviço do outro. É de se notar que o evangelista diz que a mulher, tendo sido curada, se colocou imediatamente a servi-los. Ela não quis perder tempo. Quis logo servir.

É assim que age uma pessoa em processo de cura e libertação: coloca-se imediatamente a servir a Deus e ao próximo. Como os discípulos, intercede a Jesus pelo outro. Faz como a sogra de Pedro: serve a Jesus e aos irmãos. É nessa via dupla que vamos progredir no nosso caminho de cura e libertação: intercedendo e servindo.

É interessante observar que nessa passagem temos as duas dinâmicas: a intercessão e o serviço. São as duas realidades diretamente ligadas ao nosso processo de cura e libertação: a espiritual e corporal. Não basta apenas rezar pelo outro, é preciso também ir ao encontro das suas necessidades materiais (comida, bebida, vestes...). Do mesmo modo, não podemos imaginar que resolvendo os problemas materiais tudo está solucionado. É preciso também levar em conta as questões espirituais e por isso apresentar as pessoas e situações a Jesus através da oração.

Conhecer

Vamos às aldeias vizinhas, para que eu pregue também lá, pois, para isso é que vim. (Mc 1,38)

AQUI É PRECISO FAZER uma revisão de tudo o que já vimos do capítulo 1 do Evangelho segundo São Marcos. Jesus é o Filho de Deus. Após ser batizado por João Batista e ser tentado no deserto, fez sua primeira pregação. Disse que é preciso conversão e fé no Evangelho. Chamou os primeiros discípulos para o seguirem. Foi à sinagoga e libertou um endemoniado. Depois seguiu para a casa de Pedro e curou a sua sogra.

Claro que essas notícias de Jesus curando e libertando se espalharam rapidamente. Por isso, ao final do dia, as pessoas levaram os possessos e doentes da cidade para a porta da casa de Pedro. Pois sabiam que Jesus estava hospedado lá. O texto bíblico nos diz que a *cidade toda* estava reunida diante da porta (cf. Mc 1,33).

As pessoas de Cafarnaum entenderam que Jesus podia resolver os seus problemas. Que Jesus poderia curar os enfermos. Que Jesus conseguiria expulsar o demônio das pessoas. E, então, correram para a porta da casa de Pedro.

Jesus é misericordioso. Ao ver aquela multidão na porta da casa sentiu compaixão. E ali curou a muitos doentes e libertou a tantos outros. Aconteceu ali um grande evento de cura e libertação. Mas para compreendermos bem esse texto é necessário seguirmos a leitura e prestar atenção no que aconteceu no dia seguinte a esse evento de cura e libertação.

Diz o texto que a cidade inteira estava na porta da casa de Pedro. No dia seguinte as pessoas estavam reunidas lá novamente. Todos esperavam que Jesus continuasse as curas e libertações do dia anterior. Inclusive, os discípulos imaginavam que isso fosse acontecer.

Mas ocorreu que Jesus acordou antes de todos na casa. E, bem cedinho, escondido de todos, saiu para um lugar deserto. Os discípulos, quando acordaram, não encontraram Jesus. Mas as pessoas já estavam na porta da casa da sogra de Pedro para que Jesus, novamente, demonstrasse seu poder.

Os discípulos provavelmente não entenderam nada. Por qual motivo Jesus teria saído às escondidas? Como iriam explicar para as pessoas que Jesus havia desaparecido? Agora que Jesus estava ficando conhecido pelas pessoas, por que foi embora? Deviam ser muitas as perguntas, especialmente, daqueles que eram os seguidores de Jesus, seus discípulos.

Por isso saíram para procurá-lo. Encontraram-no num lugar deserto. Ele estava em oração. E quando o viram ali, disseram: *Todos te procuram!* (cf. Mc 1,37). Neste ponto é

importante que se faça a seguinte pergunta: Por que essas pessoas procuravam por Jesus? Quando entendemos a resposta, fica fácil compreender porque Jesus se retirou para um lugar deserto.

Como vimos no início deste capítulo, Jesus ainda era desconhecido pela cidade de Cafarnaum. Basicamente, a única coisa que sabiam dele era que havia libertado um possesso na sinagoga e que havia curado uma mulher com febre. Mas esses dois feitos bastaram para que a cidade inteira fosse em busca daquilo que Ele podia oferecer.

Este é o problema! As pessoas estavam indo até Jesus por aquilo que Ele podia fazer, imediatamente, por elas. Mas não estavam indo por causa de quem Ele era. Aqui é preciso lembrar do primeiro objetivo do evangelista Marcos: apresentar a pessoa de Jesus. E lembrar também daquilo que está escrito no primeiro versículo desse Evangelho: Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, *Filho de Deus*.

Jesus é o Filho de Deus. Mas aquelas pessoas o estavam identificando apenas como uma espécie de curandeiro. Um tipo de feiticeiro ou milagreiro, muito comum naquela época. Jesus cura e liberta de situações imediatas sim. Tanto é que curou e libertou a muitos no dia anterior. Mas Ele não podia permitir que, a partir dessas curas e libertações, confundissem a sua verdadeira identidade.

Jesus é Deus. Muitas daquelas pessoas que foram curadas e libertas, provavelmente, voltaram para suas casas, sem fazer ideia de quem realmente era Jesus. Sem saber da proposta de vida nova que Ele tinha para elas. Sem sequer imaginar que Ele, sendo Deus, traria a salvação para a vida delas.

Esse é o risco quando enxergamos Jesus apenas como um curandeiro ou feiticeiro. Alguém que pode apenas realizar uma cura ou libertação específica por nós. Corremos atrás de Jesus até que ele realize o milagre. E depois, voltamos para casa e nos esquecemos totalmente Dele. E não usufruirmos do principal: da salvação e vida nova que somente Jesus pode nos dar.

Espelhemo-nos na história de tantos santos e santas. Muitos(as) deles(as) passaram a vida enfrentando graves enfermidades e não receberam a cura específica. Mas conheceram Jesus profundamente. E por isso foram pessoas de coração curado e liberto. Tendo se tornado homens e mulheres modelos de seguimento de Jesus e de encontro com a vida nova e salvação por Ele oferecidas.

Além disso, quando os discípulos dizem a Jesus que todos o procuram, Ele, prontamente, responde: “Vamos às aldeias vizinhas, para que eu pregue também lá, pois, para isso é que vim” (Mc 1,38). Ou seja, Jesus veio, primeiramente, para pregar e, como consequência as curas e libertações acontecerem.

Mais importante do que as curas e libertações é o ensinamento dado por Jesus. Ele veio para pregar. Para nos ensinar que Ele é um caminho. Que esse caminho nos leva à

vida nova, nos leva à salvação. E conseqüentemente, nos torna pessoas – como os santos e santas – de coração curado. E quem sabe, até, curados e libertos nessa vida terrena.

Precisamos aprender sobre a verdadeira identidade de Jesus. Ele é Deus. Não está aqui para nos fazer alguns favores. Ou ainda, não está aqui para barganhar conosco: eu faço algo por Jesus e em troca ele me concede alguma cura ou libertação. Não! Ele é Deus e nos apresenta um caminho. E, como discípulos, somos chamados a segui-lo.

E pelo caminho vai nos aperfeiçoando e nos tornando quem realmente nós devemos ser. Acontecendo ou não as curas e libertações que nós desejamos. Mas na certeza que nosso coração será curado e liberto.

A prova de que precisamos nos concentrar em quem é Jesus e não nos favores que Ele possa nos conceder está no versículo que encerra essa passagem. “Ele retirou-se dali, pregando em todas as sinagogas e por toda a Galileia, e expulsando os demônios” (Mc 1,39). Essa é a ordem certa das coisas: Jesus ensina e seu ensinamento cura e liberta. As curas e libertações são consequência de saber quem é Jesus e de andar pelo seu caminho.

Rezar

Jesus compadeceu-se dele, estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: “Eu quero, sê curado”. (Mc 1,41)

E STAMOS NO FINAL DO primeiro capítulo do Evangelho segundo São Marcos. Até agora Jesus realizou uma libertação na sinagoga, uma cura na casa da sogra de Pedro. Nesses dois episódios temos um pouco mais de detalhes de como essas libertações e curas aconteceram. Depois temos as narrativas de Jesus curando e libertando a muitos, seja na porta da casa de Pedro, seja nas aldeias vizinhas, mas sem pormenores dos personagens.

A terceira pessoa que aparece com mais detalhes sobre o que lhe aconteceu é o leproso que foi curado por Jesus. É interessante relacionar os três personagens para percebermos melhor a dinâmica da cura e libertação para nós nos dias de hoje. De como podemos usufruir das graças de Deus oferecidas a nós, seguindo em nosso processo de cura e libertação.

O primeiro personagem, como dito, foi o homem possesso na sinagoga. Jesus estava ensinando naquele lugar. As pessoas estavam maravilhadas com seu ensinamento. E de repente surgiu um homem endemoniado. Jesus, ao ser questionado por ele, apenas deu uma voz de comando para que o espírito impuro saísse daquele homem. E ele foi liberto.

Logo ao sair da sinagoga, Jesus foi para a casa da sogra de Pedro com seus discípulos. Chegando lá fica sabendo que aquela mulher estava de cama, pois se encontrava doente. Jesus foi até ela. Tomou-a pela mão, e sem dizer uma palavra, levantou-a e ela ficou curada e, imediatamente, pôs-se a servir os convidados.

Vamos ao terceiro personagem. Aproximou-se de Jesus um leproso e, de joelhos, pediu-lhe para ficar curado. Jesus tocou aquele homem e, ao mesmo tempo, disse: “Eu quero, sê curado” (Mc 1,41). No mesmo instante a lepra desapareceu do corpo daquele homem e ele ficou completamente curado.

Temos três personagens: o possesso, a sogra de Pedro e o leproso. Para libertar o possesso Jesus usou apenas a palavra (Ele ordenou e o demônio saiu do homem). Para curar a mulher, Jesus usou seu corpo (Ele a tocou e ela ficou curada). Para curar o leproso, Jesus usou a palavra e o corpo (Ele tocou e falou ao homem).

Em um caso Jesus usa a palavra. Em outro usa o seu corpo. E, ainda, em outro usa tanto a palavra, quanto seu corpo. Portanto, essa passagem do leproso pode ser compreendida, nessa leitura de cura e libertação pelas Sagradas Escrituras, como uma síntese de como Jesus pode nos libertar e curar: pela sua palavra e pelo seu corpo.

Como a palavra de Jesus se faz presente para nós? Na *Sagrada Escritura*. E como o corpo de Jesus se faz presente para nós? Na *Sagrada Eucaristia*. Pelo texto bíblico do Evangelho de São Marcos lemos que Jesus liberta e cura através da sua palavra e do seu corpo.

Nós temos acesso à Palavra de Deus. Nós também temos acesso ao Corpo e Sangue de Cristo. Ou seja, nós temos acesso diretamente e diariamente à palavra e ao corpo que nos libertam e curam. Por isso podemos assumir, nós mesmos, o nosso processo de cura e libertação.

Isso, porque muitas pessoas, infelizmente, condicionam seu processo de cura e libertação a alguma outra pessoa que, reconhecidamente, tem o dom de rezar pelos outros. Ou seja, só acreditam que serão curadas ou libertas quando fulano ou beltrano rezar por elas. Receber oração de pessoas íntegras na fé e na oração é sempre bom e importante. Mas o caminho com Cristo não pode se limitar a isso.

Já vimos, anteriormente, que não são as pessoas que curam ou libertam. Somente Jesus pode curar e libertar. As pessoas podem interceder. Por isso que não se deve colocar as esperanças de cura e libertação em alguma pessoa que não seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Contemos, sim, com a intercessão de pessoas de fé e oração. Mas saibamos que Jesus é o único que cura, liberta e salva.

E como, de modo mais sublime, podemos ter acesso ao Corpo de Cristo e a sua Palavra? Participando da celebração da Missa. Essa é a ação central no nosso processo de cura e libertação. Na Santa Missa existem, basicamente, dois grandes momentos: a Mesa da Palavra e a Mesa da Eucaristia. Vejamos o que nos diz a Igreja Católica:

A liturgia eucarística processa-se em conformidade com uma estrutura fundamental, que se tem conservado através dos séculos até aos nossos dias. Desdobra-se em dois grandes momentos, que formam basicamente uma unidade:

- A reunião, a liturgia da Palavra, com as leituras, a homília e a oração universal;
- A liturgia eucarística, com a apresentação do pão e do vinho, a ação de graças consecratória e a comunhão.

Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística constituem juntas “um só e mesmo ato de culto”. Com efeito, a mesa posta para nós na Eucaristia é, ao mesmo tempo, a da Palavra de Deus e a do corpo do Senhor.

Não é esse também o dinamismo da refeição pascal de Jesus Ressuscitado com os seus discípulos? Enquanto caminhavam, Ele explicava-lhes as Escrituras; depois, pondo-Se à mesa com eles, “tomou o pão, proferiu a bênção, partiu-o e deu-o”. (CIC 1346-1347)

Por isso o cristão é convidado a ir, pelo menos, aos domingos e dias santos à Santa Missa. Nela nos encontramos com o Cristo. A Missa não se trata de uma lembrança sobre Jesus. Mas de um encontro real e verdadeiro. Participando da Missa nos encontramos com o mesmo Jesus que chamou Pedro, André, Tiago e João. O mesmo

Jesus que libertou o possesso da sinagoga. O mesmo que curou a sogra de Pedro e também o leproso.

Durante a Missa ouvimos a mesma palavra que expulsou o demônio daquele homem na sinagoga. Nessa celebração recebemos o mesmo corpo que tocou e curou a sogra de Pedro. Especialmente, durante a Missa, ouvimos o mesmo chamado dos discípulos: Vem e segue-me! E, sobretudo, na celebração vivemos o mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus que nos salva.

É por isso que participar com verdadeira devoção da Missa é tão importante. É fundamental para o nosso processo de cura e libertação. Não podemos ficar dependentes dessa ou daquela pessoa, desse ou daquele evento de cura e libertação. Contemos com o auxílio dessas pessoas e eventos, mas sabendo que Jesus é o centro. E que temos acesso a sua Palavra e ao seu Corpo – que nos curam e libertam – ao participarmos da Missa.

Reconhecer

Trouxeram-lhe um paralítico, carregado por quatro homens. (Mc 2,3)

ESTE VERSÍCULO FAZ PARTE de um texto bíblico muito conhecido. A história dos amigos que levaram um paralítico até Jesus. E, como a casa onde Jesus ensinava estava cheia, subiram até o teto com o paralítico. Depois, abriram um buraco nesse local e desceram a maca com o amigo.

A pergunta é: o que o paralítico e seus amigos queriam ao fazer todo esse sacrifício para chegar até Jesus? A resposta é óbvia: a cura física daquele paralítico. Sabemos que no final da história isso acontece. Aquele homem se levantou, pegou sua maca e saiu andando. Ele recebeu a cura que desejava.

Muitas pessoas leem essa passagem e ficam apenas no fato de que o paralítico e seus amigos buscavam a cura e que, ao final do episódio, a cura acontece. Mas é preciso ler com mais atenção. Entre a descida da maca e o momento da cura, eventos fundamentais para compreendermos o processo de cura e libertação acontecem.

A primeira coisa que chama a atenção, realmente, é o momento em que os quatro homens abrem um buraco no teto e descem o paralítico numa maca. Jesus estava naquela casa ensinando. De repente, todos param de prestar atenção nos ensinamentos de Jesus. Deviam estar todos, inclusive Jesus, olhando para aquela cena: um homem descendo pelo teto da casa.

O que todos esperavam é que, no momento em que a maca chegasse ao chão, Jesus, imediatamente, curaria o paralítico. Mas não foi isso o que aconteceu. Assim que desceram a maca, ao invés de anunciar a cura, Jesus disse: “Filho, perdoados te são os pecados” (Mc 2,5). Para entender bem essa passagem, não podemos nos esquecer o que Jesus fazia naquela casa: Ele ensinava!

Jesus, ao não curar aquele rapaz, deu um grande ensinamento. Pois quando disse ao paralítico que os pecados dele estavam perdoados, Jesus estava dizendo/ensinando a todos: Eu, Jesus, sou Deus!

Este foi o ensinamento. Afinal, todos os judeus ali sabiam que somente Deus poderia perdoar os pecados. Jesus, ao perdoar os pecados do paralítico, estava afirmando ser o Filho de Deus.

Lembremo-nos sempre do principal objetivo do Evangelho segundo São Marcos: apresentar a identidade de Jesus. Mostrar para todos que Jesus é o Filho de Deus. E por isso essa passagem é importante. Antes da cura vem a identidade de Jesus. Mais

importante do que a cura física é reconhecer quem pode curar: esse é Jesus. Ele é o Filho de Deus.

Não é por acaso que, imediatamente após a fala de Jesus, os escribas começaram a reclamar dizendo que apenas Deus poderia perdoar pecados. Obviamente, não acreditavam que Jesus fosse Deus e por isso murmuravam.

Quando entenderam o ensinamento de Jesus – que Ele estava mostrando a todos que é Deus – os escribas logo chamaram Jesus de blasfemo. Acusavam-no de cometer o pecado de atribuir a si mesmo, algo que pertence somente a Deus, ou seja, o poder de perdoar pecados.

Aqueles escribas se indignaram porque não aceitavam que Jesus é Deus. Acreditavam que ele era apenas um homem comum. Não podiam aceitar que aquele homem perdoaria os pecados, sendo apenas um ser humano. Só Deus pode perdoar os pecados, foi o que aqueles escribas falaram.

Dizer que Jesus havia cometido o crime da blasfêmia já era uma condenação. Atribuir a si algo que pertencia somente a Deus era um pecado que deveria receber a pena de morte. E morte por apedrejamento. Ou seja, ali, de certo modo, começou no Evangelho de São Marcos, o processo que culminou na condenação e morte de Jesus.

Mas Jesus, que ensina o tempo todo o seu caminho, responde àqueles escribas com outra pergunta. Ele quer saber o que é mais fácil: perdoar os pecados ou curar aquele homem? Jesus, então, curou o parálítico, mas antes, disse aos escribas: “Para que conheçais o poder concedido ao Filho do Homem sobre a terra...” (cf. Mc 2,10).

Ou seja, é como se Jesus dissesse: para que vocês acreditem no que eu acabei de ensinar; para que vocês acreditem que eu posso perdoar pecados; para que vocês acreditem que eu sou Filho de Deus... vou curar este rapaz. E Jesus disse ao parálítico: “Levanta-te, toma teu leito e vai para tua casa” (cf. Mc 2,11) e assim aconteceu.

Isso mostra que a cura e a libertação são uma consequência da nossa relação com Jesus. Em primeiro lugar reconhecemos que Jesus é Deus. Que Ele pode perdoar os pecados e nos propõe um novo caminho. E como consequência a cura e a libertação podem acontecer. Não devemos buscar Jesus somente pela cura e libertação que Ele pode nos oferecer, mas pela vida nova que Ele quer nos dar.

Outro ponto interessante nesta passagem é que a multidão que estava naquela casa ficou admirada ao ver aquele homem sair de lá curado. Eles ficaram tão impressionados que diziam: nunca vimos coisa igual (cf. Mc 2,12). Isso quer dizer que aquelas pessoas nunca tinham visto Jesus curar alguém?

Basta revermos o capítulo 1 do Evangelho de São Marcos e lembrar que a cidade inteira estava à porta da casa de Pedro. E ali Jesus curou e libertou a muitos. Ou seja, aquelas pessoas já tinham visto sim Jesus curar e libertar. Então por que disseram, ao

final do episódio do parálítico, que nunca haviam visto coisa igual, se haviam visto várias curas e libertações na porta da casa de Pedro?

O que eles nunca tinham visto era o Filho de Deus. O que fez a multidão ficar admirada foi o ensinamento de Jesus. Ele explica que é Deus, perdoa os pecados e cura o parálítico. Não se impressionaram apenas com a cura, mas com o pacote completo: o ensinamento de Jesus de que Ele é o Filho de Deus, o perdão que Jesus concede ao rapaz e, por fim, e como consequência das ações anteriores, a cura.

Por isso é fundamental ler as passagens bíblicas completas e dentro do contexto. Dessa maneira, torna-se possível entender mais profundamente o texto. Ver na passagem do parálítico, apenas a questão da cura é acreditar que Jesus não passa de um curandeiro e de alguém que existe apenas para resolver problemas pontuais.

Mas aprender nessa passagem que Jesus ensina sobre sua identidade, além de perceber que Jesus é Deus e que por isso Ele propõe uma vida nova é entender o motivo de ter dado o perdão àquele homem antes da cura. Pois a vida nova oferecida por Jesus ao perdoar os pecados do parálítico é muito mais importante do que uma cura física.

Acabar com a paralisia é consequência do fato de reconhecer que Jesus é Deus. Acabar com a paralisia é consequência de receber a vida nova oferecida por Jesus, através do perdão dos pecados. Assim, é possível ser curado da paralisia na vida e andar pelo novo caminho que é o próprio Cristo Jesus.

Recuperar

Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores. (Mc 2,17)

SAINDO DA CASA ONDE curou o paralítico, Jesus foi para perto do mar e novamente ensinava. Nesse caminho viu um coletor de impostos. Chamou-o e ele, imediatamente, o seguiu. E tornou-se também discípulo de Jesus. Este trecho reforça situações que já vimos neste Evangelho: Jesus, ensinando, Jesus chamando, e o seguimento imediato daquele que se torna discípulo. Pontos importantes para nosso processo de cura e libertação.

No caso específico desse cobrador de impostos, retomamos o que vimos no início desse livro: que em Jesus nós temos uma nova chance. Afinal, como cobrador de impostos, Levi – que era judeu – precisava arrecadar o imposto dos seus irmãos judeus e entregá-lo aos romanos.

Dessa forma, Levi era detestado por seus irmãos judeus, além de ser considerado impuro, pois mantinha contato com os romanos. Por outro lado, Levi também não era aceito no círculo dos romanos, já que não era cidadão romano e sim judeu. Levi já não sabia quem era. Não era aceito pelos judeus e nem pelos romanos. Havia perdido a sua identidade.

Mas Jesus o chamou. A partir desse momento, Levi recuperou a sua identidade. Por isso largou a coletoria de impostos e, imediatamente, foi atrás de Jesus. Ele que não era aceito pelos judeus e nem pelos romanos foi resgatado por Jesus. Recebeu uma nova chance. Ganhou uma nova vida.

Hoje em dia, muitas pessoas vivem nessa fantasia em que vivia Levi. Iludidos pelo dinheiro (como Levi se iludia com o dinheiro dos impostos); iludidos com o poder (como Levi se iludia com o poder dos romanos); iludidos com o status (como Levi se iludia com o status da função de cobrador de impostos). E, por isso, como Levi, esquecem quem são. Perdem a identidade.

Esse é um passo importante para o processo de cura e libertação. Recuperar a verdadeira identidade. Não se esconder atrás de uma profissão, de um cargo, de um salário... mas colocar para fora o que, primeiramente, marca quem somos. Para isso façamos como Levi. É preciso seguir Jesus. Aceitar a chance que Ele nos dá. Para redescobrirmos quem realmente nós somos. Libertando-nos, como Levi, de tudo aquilo que nos impede de vivermos felizes e plenos.

O reencontro com a verdadeira identidade deixou Levi tão feliz que ele resolveu dar uma festa para comemorar. Por isso fez um jantar em sua casa. Convidou Jesus e os

discípulos. Convidou também as únicas pessoas que conhecia, já que não era aceito pela maioria dos judeus e nem dos romanos.

Vejam a lista de convidados: além de Jesus e dos discípulos, outros cobradores de impostos e vários pecadores (cf. Mc 2,15). Esses outros convidados eram considerados impuros pelos judeus, pois eram pecadores. Eram chamados de pessoas de má vida. E não nos esqueçamos que Levi era um deles!

No meio de todos esses pecadores, lá estavam Jesus e seus discípulos. Por isso os escribas e fariseus – que não estavam na lista de convidados, mas provavelmente, andavam atrás de Jesus para vigiá-lo – estando do lado de fora da casa – questionaram os discípulos: Ele come com os publicanos e com gente de má vida? (cf. Mc 2,16).

Esses judeus do grupo dos escribas e do grupo dos fariseus não aceitavam o fato de que um judeu praticante se misturasse com judeus considerados pecadores. Tais grupos acreditavam que os pecadores eram pessoas impuras e quem se sentasse à mesa com elas ficaria impuro também.

Jesus prontamente rebate essa acusação e mostra que aquele é o lugar onde deve estar. Jesus replica, ou seja, Ele explica mas, ao mesmo tempo, contesta a acusação que fizeram. Ele diz: “Os sãos não precisam de médico, mas os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,17).

Ao afirmar isso, Jesus mostra que aqueles judeus que acusavam os outros, já se consideravam curados, libertos, justos e salvos. Por isso acreditavam não precisar de Jesus. Mas aqueles que estavam na casa de Levi, além de precisarem de Jesus, assumiam essa necessidade – pois se reconheciam pecadores.

Não sejamos como aqueles escribas e fariseus que se consideravam justos e eram autossuficientes. Sejam os convidados da festa de Levi. Reconheçamos que somos pecadores e que por isso precisamos de Jesus. Não somos justos, somos enfermos. Por isso precisamos de Jesus para nos curar e libertar.

Que nenhum de nós fique do lado de fora daquela casa, como ficaram os escribas e fariseus. Que em vez de participarem da festa, escolheram ficar de fora, reclamando e apontado os erros dos outros. Que nós, pelo contrário, assumamos nossos próprios erros e a nossa necessidade de Jesus. E dessa forma, participemos da grande festa do perdão e da vida nova que Ele tem para nos dar.

A posição desses escribas e fariseus é importante para entendermos bem o Evangelho segundo São Marcos. Nas duas passagens seguintes a essa festa, temos outras discussões deles com Jesus e os discípulos. Na primeira questionam Jesus sobre o jejum e, na segunda, sobre o que se pode ou não fazer no dia de sábado.

Nos textos anteriores já tínhamos visto outras passagens nas quais os escribas e fariseus discutiam com Jesus e os discípulos. E também situações em que algum outro

tipo de problema aconteceu entre eles. Foi surgindo uma tensão entre esses grupos e Jesus. Afinal, os escribas e fariseus não aceitavam os ensinamentos e atitudes de Jesus.

Na primeira ida de Jesus à sinagoga as pessoas já se maravilhavam com seu ensinamento e diziam que ele ensinava com autoridade e não como os escribas. Logo depois Ele liberta um possesso, o que aumenta ainda mais essa admiração e comparação do povo.

Depois, perante a casa de Pedro, Jesus cura e liberta a muitos. No texto, lemos que a cidade inteira estava diante da porta daquela casa – então também estavam lá os escribas e fariseus. Isso indica que as pessoas não iam mais à sinagoga, mas onde Jesus estava. Depois, temos ainda esses grupos acusando Jesus de blasfemar, na passagem da cura do parálítico.

É preciso notar a postura desses homens, eles não apenas discordavam de Jesus, mas seguiam seus passos. Não como discípulos, mas na tentativa de fazê-lo cometer um erro e, assim, condená-lo. Essa é a escolha que precisamos fazer: como seguiremos Jesus? Como discípulos ou como esse grupo de escribas e fariseus?

Decidir

Saindo os fariseus dali, deliberaram logo com os herodianos como o haviam de perder. (Mc 3,6)

PARA A REFLEXÃO QUE será feita nesta última parte do livro será preciso ter em mente tudo o que foi visto até aqui. Sobretudo, a relação tensa entre os grupos dos escribas e fariseus e Jesus e os discípulos. Nesta passagem, Jesus irá novamente à sinagoga e, diante dos escribas e fariseus, realizará outra cura.

Como dito, o clima entre escribas e fariseus e Jesus era tenso. Esses grupos queriam a todo custo colocar Jesus em alguma situação comprometedor para que pudessem acusá-lo. Não aceitavam as curas e libertações realizadas por Jesus e muito menos o seu ensinamento. E por isso arquitetaram uma armadilha para Jesus na sinagoga, no dia de sábado.

Para isso, chamaram um rapaz que tinha um problema físico. Sua mão era considerada seca, ou seja, não possuía os movimentos de uma das mãos. Eles queriam colocar Jesus à prova. Queriam saber se ele curaria o rapaz. Se não o curasse seria acusado de fazer distinção de pessoas; se o curasse seria acusado de trabalhar no dia de sábado.

Era sábado e Jesus entrou na sinagoga. Lá estava o homem com a mão seca. Lá estavam também os escribas e fariseus. Eles observavam se Jesus iria curar aquele homem em pleno dia de sábado. Jesus diz para o homem da mão seca se dirigir ao meio. Assim, queria que todos vissem o que iria fazer.

Mas, antes de curar aquele homem, lançou duas perguntas: “É permitido fazer o bem ou o mal no sábado? Salvar uma vida ou matar?” (Mc 3,4). Nessas perguntas Jesus estava novamente ensinando. Mostrou a todos que a vida humana vem em primeiro lugar. Para aqueles escribas e fariseus, a Lei era mais importante. Ainda que isso custasse a vida de alguém. Mas Jesus inverteu a lógica. E colocou a vida humana em primeiro lugar.

Jesus ensinou que a Lei é boa, afinal, precisamos das leis para organizar a nossa sociedade. Mas essas leis precisam existir para favorecer o homem no convívio social, e não para escravizar as pessoas. As leis não podem ser colocadas acima da vida humana. Pelo contrário, devem proteger a vida. Esse foi o motivo do questionamento de Jesus.

Jesus cura e liberta para que vivamos plenamente. Que a cura e a libertação que recebermos sirvam para que nos encontremos com Aquele que é caminho, verdade e vida. Aquele que nos cura e liberta por amor e nos propõe o seu seguimento.

Na sequência da passagem, Jesus pediu que aquele homem estendesse a mão. Assim que ele estendeu a mão, Jesus o curou. E logo em seguida, os fariseus e escribas saíram dali e se reuniram com os herodianos para decidir como matariam Jesus. Isso mesmo! Estamos no início do capítulo 3, ou seja, bem no começo do Evangelho de Marcos, e a sentença de morte de Jesus já foi dada.

Aquilo que irá acontecer somente no final do Evangelho, já foi deliberado no início da história de Jesus. Mas a pergunta é: Por que eles decidiram que haveriam de matar Jesus? Foi por causa das curas que Ele operou? Foi por causa das libertações que realizou?

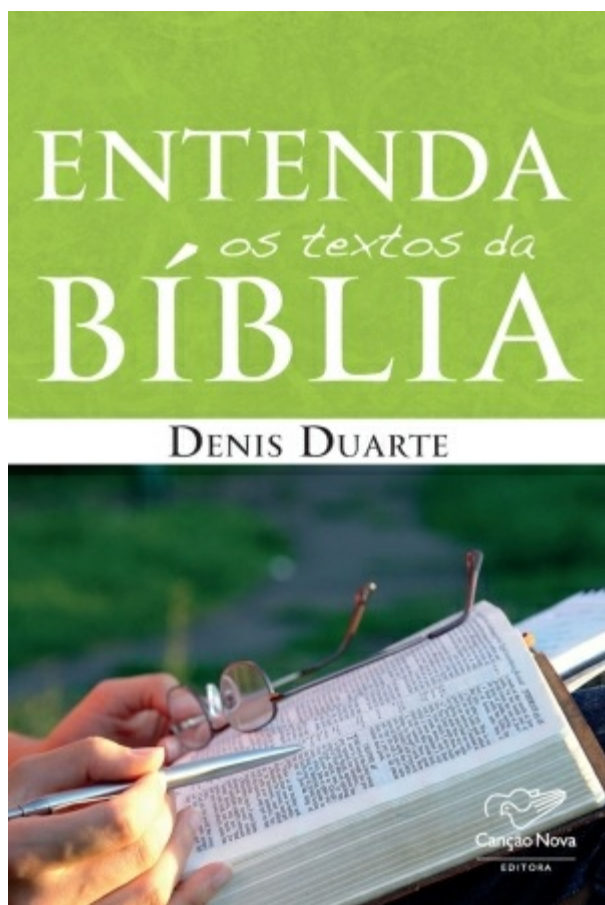
Decidiram matar Jesus por causa do seu ensinamento. A consequência desse ensinamento é que geram a cura e a libertação. O ensinamento dado propõe o discipulado, ou seja, o seguimento a Cristo. Esse ensinamento apresenta um caminho para uma vida nova.

Por isso esse ensinamento é tão forte. E é por isso que o ensinamento causa essas duas posições extremas. De um lado, os discípulos, que ouvindo esse ensinamento decidiram seguir Jesus imediatamente. De outro, os escribas e fariseus, que ouvindo esse ensinamento decidiram matar Jesus.

Não há como ficar insensível ao que Jesus ensina. Ou se decide *seguir-lo de coração*, ou se decide *matá-lo no coração*. Cada um é livre para fazer sua escolha. Mas é, praticamente, impossível permanecer neutro diante desse ensinamento.

Que o próprio Deus nos dê força para, nas situações da vida, escolher sempre aquilo que Jesus nos ensina. E que possamos, dessa maneira, colher os frutos da cura, da libertação e, sobretudo, da vida nova que Cristo tem para cada um de nós.

Que Deus nos abençoe!



Entenda os textos da Bíblia

Duarte, Denis

9788576777304

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os textos da Bíblia foram escritos há centenas de anos, numa cultura e língua diferentes da nossa. Por conta disso, é natural que tenhamos dificuldades para entendê-los. Este livro tem como objetivo oferecer ferramentas para quem se dispõe a conhecer melhor a Bíblia e é um instrumental simples e prático desenvolvido para auxiliar na leitura da Sagrada Escritura, no seu entendimento e em sua aplicação no cotidiano. É destinado a todos aqueles que fazem ou desejam fazer o estudo da Palavra de Deus, de modo especial àqueles que exercem o ministério da pregação, formação comunitária ou catequese e que, por isso, precisam não somente entender o texto e aplicá-lo, mas também transmiti-lo aos outros.

[Compre agora e leia](#)



Márcio Mendes

30
MINUTOS
PARA MUDAR
O SEU DIA

Quando uma simples oração
pode transformar absolutamente tudo

30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio

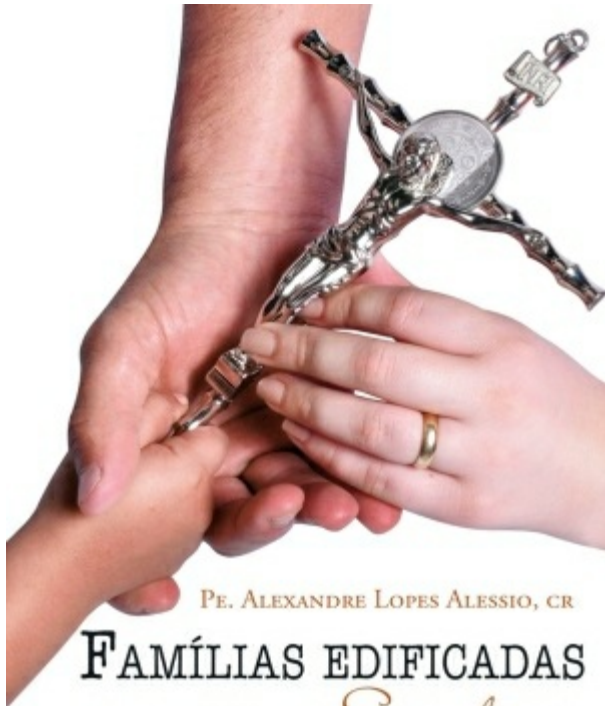
9788576771494

87 páginas

[Compre agora e leia](#)

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

[Compre agora e leia](#)



PE. ALEXANDRE LOPES ALESSIO, CR

FAMÍLIAS EDIFICADAS *no Senhor*



Famílias edificadas no Senhor

Alessio, Padre Alexandre

9788576775188

393 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, Pe. Alexandre nos leva a refletir sobre o significado da família, especialmente da família cristã, uma instituição tão humana quanto divina, concebida pelo matrimônio. Ela é o nosso primeiro referencial, de onde são transmitidos nossos valores, princípios, ideais, e principalmente a nossa fé. Por outro lado, a família é uma instituição que está sendo cada vez mais enfraquecida. O inimigo tem investido fortemente na sua dissolução. Por isso urge que falemos sobre ela e que a defendamos bravamente. Embora a família realize-se entre seres humanos, excede nossas competências, de tal modo que devemos nos colocar como receptores deste dom e nos tornarmos seus zelosos guardiões. A família deve ser edificada no Senhor, pois, assim, romperá as visões mundanas, percebendo a vida com os óculos da fé e trilhando os seus caminhos com os passos da fé. O livro Famílias edificadas no Senhor, não pretende ser um manual de teologia da família. O objetivo é, com uma linguagem muito simples, falar de família, das coisas de família, a fim de promovê-la, não deixando que ela nos seja roubada, pois é um grande dom de Deus a nós, transmitindo, assim, a sua imagem às futuras gerações.

[Compre agora e leia](#)



Jovem, o caminho se faz caminhando

Dunga

9788576775270

178 páginas

[Compre agora e leia](#)

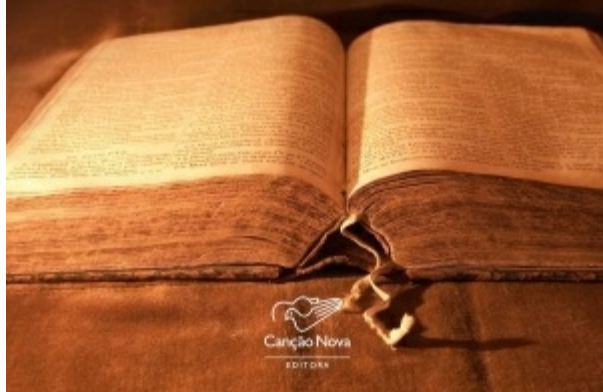
"Caminhante, não há caminho; o caminho se faz caminhando - desde que caminhemos com nosso Deus." Ao ler este comentário na introdução do livro dos Números, na Bíblia, o autor, Dunga, percebeu que a cada passo em nossa vida, a cada decisão, queda, vitória ou derrota, escrevemos uma história que testemunhará, ou não, que Jesus Cristo vive. Os fatos e as palavras que em Deus experimentamos serão setas indicando o caminho a ser seguido. E o caminho é Jesus. Revisada, atualizada e com um capítulo inédito, esta nova edição de Jovem, o caminho se faz caminhando nos mostra que a cura para nossa vida é a alma saciada por Deus. Integre essa nova geração de jovens que acreditam na infinitude do amor do Pai e que vivem, dia após dia, Seus ensinamentos e Seus projetos. Pois a sede de Deus faz brotar em nós uma procura interior, que nos conduz, invariavelmente, a Ele. E, para alcançá-Lo, basta caminhar, seguindo a rota que Jesus Cristo lhe indicará.

[Compre agora e leia](#)

Padre Joãozinho, scj

#minisermão

A Palavra certa para as horas incertas!



#minisermão

Almeida, João Carlos

9788588727991

166 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma palavra breve e certa pode ser a chave para abrir a porta de uma situação difícil e aparentemente insuperável. Cada #minisermão deste livro foi longamente refletido, testado na vida, essencializado de longos discursos. É aquele remédio que esconde, na fragilidade da pílula, um mar de pesquisa e tecnologia. Na verdade, complicar é muito simples. O complicado é simplificar, mantendo escondida a complexidade. É como o relógio. Você olha e simplesmente vê as horas, sem precisar mais do que uma fração de segundo. Não precisa fazer longos cálculos, utilizando grandes computadores. Simples assim é uma frase de no máximo 140 caracteres e que esconde um mar de sabedoria fundamentado na Palavra de Deus. Isto é a Palavra certa... para as horas incertas.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
Créditos	4
Introdução	7
Recomeçar	9
Mudar	13
Primeira parte:“Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo”	15
Segunda parte:“Convertei-vos e crede no Evangelho”	16
Caminhar	18
Aprender	22
Trabalhar	26
Conhecer	30
Rezar	34
Reconhecer	38
Recuperar	42
Decidir	46